

Hospitalidade em sentido próprio e figurado

Hospitality in its own and figurative sense

Hospitalidad en sentido propio y figurado.

Anne Gotman ¹

Resumo: Neste texto de palestra de abertura de seminário realizado em outubro de 2000, na França, sobre o tema da hospitalidade urbana, Anne Gotman parte da distinção entre o que ela chama de hospitalidade em sentido próprio, o acolhimento pessoa a pessoa, que se refere a práticas privadas para a maioria, baseadas na obrigação de reciprocidade, da hospitalidade em sentido figurado, que se refere à ideia de hospitalidade que transparece quando dizemos que um local ou instituição é hospitaleiro (ou inhospitaleiro) e que designa práticas suscetíveis de se desenvolver à margem da solidariedade e dos serviços públicos. No primeiro caso, tratam-se de situações e usos reconhecidos como tais, ainda que pouco explorados. No segundo caso, trata-se sobretudo de uma perspectiva e abordagem diferente sobre os trabalhos de pesquisa existentes que pretendemos reexaminar. A autora avança, ainda, para o conceito de hospitalidade mínima garantida, que abrange grosso modo o direito de asilo concedido a estrangeiros e antigamente aos pobres e hoje às categorias asseguráveis ou vulneráveis a quem Estado ou a comunidade fornecem proteção e segurança.

Palavras-Chave: Hospitalidade. Inospitalidade. Hostilidade. Dádiva. Imigração.

Abstract: In this opening lecture at a seminar held in October 2000 in France on the subject of urban hospitality, Anne Gotman draws on the distinction between what she calls hospitality in her own sense, the person-to-person welcoming, which refers to private practices for the majority, based on the obligation of reciprocity, of hospitality in a figurative sense, which refers to the idea of hospitality that comes into being when we say that a place or institution is hospitable (or inhospitable) and which designates practices that can develop on the fringe solidarity and public services. In the first case, these are situations and uses recognized as such, although little explored. In the second case, it is above all a different perspective and approach on the existing research work that we intend to reexamine. The author goes further to the concept of minimum guaranteed hospitality, which broadly encompasses the right of asylum granted to foreigners and formerly to the poor and today to the safe or vulnerable categories to which the state or the community provides protection and security.

Key words: Hospitality. Inhospitality. Hostility. Gift. Immigration.

Resumen: En esta conferencia inaugural en un seminario celebrado en octubre de 2000 en Francia sobre el tema de la hospitalidad urbana, Anne Gotman se basa en la distinción entre lo que ella llama hospitalidad en su propio sentido, la bienvenida de persona a persona, que se refiere a prácticas privadas para la mayoría, basadas en la obligación de reciprocidad, de hospitalidad en un sentido figurado, que se refiere a la idea de hospitalidad que surge cuando decimos que un lugar o institución es hospitalaria (o inhóspita) y que designa prácticas que pueden desarrollarse al margen solidaridad y servicios públicos. En el primer caso, se trata de situaciones y usos reconocidos como tales, aunque poco explorados. En el segundo caso, es sobre todo una perspectiva y un enfoque diferentes sobre el trabajo de investigación existente que pretendemos reexaminar. El autor va más allá del concepto de hospitalidad mínima garantizada, que abarca aproximadamente el derecho de asilo otorgado a los extranjeros y anteriormente a los pobres y hoy a las categorías seguras o vulnerables a las que el estado o la comunidad brindan protección y seguridad.

¹ Doutora em Sociologia pela Université de Paris 10 Naterre, Mestre em Geografia Urbana pela Universitéde Lyon, Licenciada em Geografia e Bacharel em Filosofia. Pesquisadora habilitada e Diretora de Pesquisa do Centre de Recherche sur les Liens Sociaux (CNRS/CERLIS) da Université Paris V René Descartes, França.

Palabras clave: Hospitalidad, inhospitalidad,,Hostilidad Regalo, Inmigración.

1 Introdução

Gostaria, em primeiro lugar, em nome do grupo de trabalho que trabalhou no estabelecimento deste seminário e a quem agradeço por estar aqui, de dar as boas-vindas aos presentes que gentilmente responderam ao nosso convite, e o primeiro deles, René Schérer, que será de certa forma nosso guia em hospitalidade, nosso "proxene" ... Gostaria também de agradecer ao Plano de Construção e Arquitetura, em particular a Olivier Piron que, apoiando este seminário e aceitando perguntas urgentes ou recorrentes – moradores de rua, crises habitacionais ... - e formulações político-técnicas dominantes - exclusão, segregação ... - prometemos que podemos voltar mais bem informados e com mais categorias de ação, implícita e explícita, que nos servem de referência. Por fim, gostaria de agradecer à Maison des Sciences de l'Homme por suas boas-vindas e Maurice Aymard, sem os quais este seminário não poderia ter ocorrido.

Eu gostaria ainda de dizer algumas palavras sobre a organização do seminário. Tratando-se de um objeto em construção e de uma ação preparatória para a implantação de um programa de trabalho, optamos por uma fórmula do tipo *work in progress* que combina o aporte de especialistas e os efeitos posteriores. Concebido a partir de sessões temáticas, o seminário queria assim permitir a identificação de eixos de reflexão pertinentes para a análise do espaço urbano e do habitat.

Para começar, gostaria, então, nesta sessão consagrada às questões de definição, de focar nos diferentes significados comuns da palavra "hospitalidade" que guiaram meu pensamento, a saber: hospitalidade no sentido próprio, que se refere a práticas classicamente listadas sob esse nome; e hospitalidade, no sentido figurado, que se refere à ideia de hospitalidade que transparece quando dizemos que um local ou instituição é hospitaleiro (ou inospitaleiro). Mas de antemão, um breve retorno sobre o enunciado das formas canônicas de hospitalidade deixará claro o que a hospitalidade deve à noção de obrigação e, conseqüentemente, à de desafio.

2 O desafio da hospitalidade

Antes de se institucionalizar e se impor ao direito, a hospitalidade aparece antes de tudo como uma lei religiosa que ordena ao homem que ame, alimente e vista o estrangeiro como se este fosse o próprio Deus. Diz o Êxodo : "Você amará o estrangeiro porque foi estrangeiro no Egito" (Deut, X, 18, 19). A hospitalidade preocupa tanto ao hóspede que passa apenas um dia como ao morador. Os viajantes estrangeiros, embora não estejam protegidos por lei, devem poder contar com a hospitalidade dos habitantes, assim como o assassino involuntário e o mendigo. A hospitalidade também é ditada pela obrigação de visitar os santuários e estará no Antigo e Novo Testamentos intimamente relacionada a peregrinações e estudos. No Novo Testamento, a hospitalidade é definida como o fruto da caridade e deve beneficiar os outros, aqui também na reciprocidade das perspectivas, como beneficiou a Cristo. Ela se impõe ainda mais aos cristãos, que, cercados por pagãos, devem proteger sua fé de todo contato com eles. No entanto, se a Bíblia está repleta de exemplos de hospitalidade piedosa, as ofensas e as violações de sua lei são numerosas, punidas, bem como a parcimônia que os acompanha. E, como na mitologia grega, Deus concebe e impõe aos homens provações de hospitalidade.

Na Odisséia, a hospitalidade aparece tanto como uma lei da inspiração divina quanto como uma tradição humana desafiadora. Essencialmente relacionada às viagens, suas regras são aí retratadas concretamente, bem como os contratempos causados pela falta de hospitalidade dos moradores.

A hospitalidade encontrada por Ulisses ao longo de sua jornada em uma Grécia segmentada e unida pelo mar aparece como uma prática fortemente codificada, mas também como uma virtude conquistada pela hostilidade reprimida contra o estrangeiro, um desconhecido que desembarca um belo dia na vida do povoado, hostilidade que tem sua expressão máxima na chegada à casa do Ciclope, um episódio memorável no qual Ulisses, que se apresentou judiciosamente como Ninguém, implora a ele assim: "Chegamos aqui e tocamos seus joelhos, esperando que você hospede seus hóspedes e também os presenteie, como exige a lei da hospitalidade. Ó poderoso, respeite os deuses, chegamos a você como suplicantes. Zeus é o vingador de suplicantes e

convidados, ele é o deus da hospitalidade, ele acompanha os estrangeiros que o reverenciam!". Para ouvir como resposta: "Ó pessoa, eu vou comer você por último, sim, todos os outros antes de você; este será meu presente como hospitalidade!»

3 Hospitalidade, hostilidade

Hospitalidade, hostilidade, *hostis*, hóspede, inimigo, todas estas palavras têm uma raiz comum. Entretanto, para E. Benvéniste, o parentesco entre hospitalidade e hostilidade enquanto referência ao estrangeiro não é original mas derivado. Em um primeiro momento, a hospitalidade ligava com efeito pessoas de clãs diferentes entre os quais prevalecia uma obrigação de compensação, "fundamento da instituição da hospitalidade" que E. Benvéniste (1969, p.94) associa à instituição do *potlatch* do qual ela seria uma forma atenuada. A hospitalidade é fundada na ideia de que um homem é ligado a outro (*hostis* tem sempre uma ideia de reciprocidade) pela obrigação de compensar uma certa dádiva da qual se beneficiou². O estrangeiro, então, tem os mesmos direitos de um cidadão romano, diferente do *peregrinus* que habita fora dos limites do território. Mas, logo que a antiga sociedade romana torna-se nação e que este tipo de vínculo de clã a clã e de homem a homem não é mais compatível com o regime estabelecido, somente subsiste a distinção entre o que está no interior e no exterior da *civitas*. *Hostis* assume assim uma nova acepção : significava hóspede e agora significa inimigo. Da mesma forma, em grego, *xenia* também superou o sentido de hóspede - "ligado por relações recíprocas de acolhimento confirmadas pelas dádivas – para o de estrangeiro e mercenário. Evolução semântica significativa, segundo Marie-France Baslez, da "mentalidade do grego feita ao mesmo tempo de hospitalidade e desconfiança, que combina o desejo de criar laços e a afirmação de uma diferença" (1984, pp.18-19). Esta ambivalência grega não é também o paradigma da hospitalidade, dos direitos e dos comportamentos que ela inspira? O estrangeiro, o viajante, o protegido dos deuses que chega não é também o que pode invadir e destruir a cidade?

² A reciprocidade, dizia Claude Lévi-Strauss, é "a forma mais imediata sob a qual pode ser mediatizada a oposição do eu a outrem ».

Retomando o artigo de G. Del Vecchio (s/d) sobre a evolução da hospitalidade, forma primitiva de direito e proteção concedido ao estrangeiro assumido pelo direito internacional privado e depois pelos tratados entre os Estados, pelos direitos dos traços entre pessoas, Durkheim (1903, p.234) colocará, da mesma forma, a gênese do direito primitivo da hospitalidade e o caráter sagrado do hóspede não nos sentimentos de piedade e bondade inspiradas pelo desconhecido desarmado, isolado e impotente, como afirma Del Vecchio, mas no medo religioso inspirado pelo estrangeiro. Compensação, direito, a hospitalidade é antes de tudo uma prova.

4 Desafio para o visitante e para o anfitrião

Se desde o início a hospitalidade evoca a arte de receber, essa arte é inseparável de uma dificuldade, a de chegar. Julgamento para o novato, estrangeiro, viajante, migrante, personagem de feição lamentável, até repulsiva, pelo próprio fato de sua posição - a distância - que o coloca na postura de queixoso, até suplicante e, se for recebido, coloca *ipso facto* o pé na engrenagem da dívida ... Na Odisséia, muitas cenas atestam a dureza da condição da chegada e a insegurança de sua posição. Dramática é a condição de Ulisses quando ele chega ao Ciclope, lamentável é o seu rosto quando ele chega a Nausicaa. No primeiro caso, a inferioridade das forças diante do adversário masculino e armado é perigosa; no segundo caso, a redução das defesas diante de uma companhia de virgens é assustadora. É para garantir a segurança do visitante e afastar a hostilidade que sua aparência ruim inspira aos habitantes da cidade que os deuses lhe emprestam o rosto ou o de um amigo. São máscaras representando a prova principal a que o visitante está sujeito: tornar-se conhecido e reconhecido.

É um teste para o anfitrião também, pessoa física, pequeno grupo ou instituição, inevitavelmente perturbados por quem chega à porta dos hábitos, regras estabelecidas, adquiridas, feitas para fazer arranjos para acomodar o recém-chegado, para dar espaço para ele e, possivelmente, concessões ... Tudo porque, como a terra é redonda, e é necessário coabitar, comerciar, de acordo com a concepção kantiana de hospitalidade mínima (qualificada como misantrópica por René Schérer). Como o estrangeiro também é a figura humana do próximo, é o outro eu potencialmente exposto um dia aos

mesmos insultos. Ou pela necessidade "exogâmica" de formar uma sociedade com o exterior ... Qualquer que seja o fundamento (ou o começo) da hospitalidade, é uma série de obrigações, uma sucessão de perigos. Ao seu servidor que perguntou se ele deveria desatrelar os cavalos dos dois estrangeiros ou mandá-los para outro, Menelau, indignado, respondeu: "... você diz bobagem como uma criança. Quantas vezes, para chegar aqui, nós dois, na casa de outros homens, comemos a refeição da hospitalidade: miséria da qual Zeus nos preservará no futuro! Desamarre os cavalos dos estrangeiros e os traga aqui para participar do festim".

5 Processo e reversibilidade

Partir da noção de teste e de seus modos de resolução - espontâneos ou institucionais - talvez seja um ponto de vista pessimista. Poderíamos começar do ponto de vista inversamente: da hospitalidade-prazer que se torna teste e pode se voltar para a rejeição, até para a armadilha. O teste pode acontecer primeiro com a atração pela hospitalidade? A rejeição ao estrangeiro é primordial em relação ao desejo de negociar com ele? Nada é menos certo. O que acontece, por outro lado, é que a hospitalidade como uma obrigação é uma mistura íntima de restrição e liberdade e, como direito, avanço coletivo ou recuo individual. A ideia de que há sempre inospitalidade no horizonte da hospitalidade (e vice-versa) nos convida a não congelar práticas que são analisadas mais em termos de processo do que categorias, e a privilegiar a perspectiva de tensão entre hospitalidade e inospitalidade, a reversibilidade de uma e outra, ao invés de hospitalidade ou falta de hospitalidade no absoluto. Não é o trabalhador estrangeiro, de acordo com o período, aquele que será procurado ou mandado para casa, ora alguém que vai ajudar ora alguém em excesso?

Partir da noção do teste é também indicar que as regras de hospitalidade, como todas as regras, são colocadas à prova. O que significa pensar em hospitalidade não apenas em termos de códigos, leis ou normas, mas de transbordamento e excesso (incentivos para sempre fazer mais) ou de superação (golpes de força que podem levar à obtenção de direitos) .

Conceber o processo como prova, é então tentar descobrir o que a palavra "hospitalidade" carrega hoje de utopia positiva, desidealizá-la e, assim, torná-la mais acessível, se não mais viável ...

6 A hospitalidade: campo de refugiados ou condição da urbanização?

Deste tipo de hospitalidade invadida por convidados inesperados ou até indesejados que batem à porta das pessoas do lugar, levados a forçar às vezes, temos muitos exemplos: refugiados do conflito bósnio forçados a renegociar a porta estreita do asilo, para retomar o título de um artigo do jornal *Libération*, graças a novas categorizações; viajantes obrigados a solicitar a autorização dos municípios para permanecerem em seu perímetro; sem-teto, pelo menos assim chamados, forçando o acesso a prédios desocupados, interrompendo a atmosfera da vida tranquila que se acreditava estar assegurada. Rotina, expulsão: as duas negações da hospitalidade.

No entanto, se a questão da hospitalidade volta em situações de emergências, sob uma figura que parece um pacto de não agressão, suas implicações vão além disso. Gostaríamos, portanto, de reservar um tempo para refletir aqui, de uma maneira mais geral, sobre as configurações contemporâneas de hospitalidade no atual contexto urbano e social: qual é o seu lugar, quais são suas formas, quais são seus lugares, quais são suas expectativas em uma sociedade onde a mudança de escala de migração, o processo de concentração de equipamentos, a fragmentação das relações sociais, a crescente monetarização das trocas reduzem as possibilidades de conhecimento mútuo e multiplicam as situações individuais ou coletivas do estatuto de estrangeiro. Longe de ser reduzida a um campo de refugiados, a hospitalidade não é uma das condições gerais da urbanização?

Tornada pública, institucional e agora essencialmente no campo do direito, a hospitalidade mudou, até se metamorfoseou, dizem alguns, a ponto de se tornar irreconhecível. No entanto, o movimento de urbanização da sociedade é uma oportunidade estrutural para a hospitalidade, pois a cidade é mais do que nunca o espaço de instalações específicas onde os moradores que trabalham fora de suas casas passam

boa parte do dia em espaços públicos e constantemente levanta os problemas de instalação dos recém-chegados³.

No programa do seminário, como foi esboçado, pretendia-se, assim, revelar os vários registros - institucionais, associativos, espontâneos - de hospitalidade e as principais lógicas - dádiva, Estado, mercado - que organizam as práticas de hospitalidade. A abordagem consistiu em cruzar estudos de caso com temáticas mais transversais, sendo cada sessão dedicada a uma forma particular de hospitalidade (religiosa, institucional, privada, comunitária), a uma estrutura específica de efetivação (espacial, jurídica) ou a um eixo de determinação (gênero, por exemplo).

A institucionalização da hospitalidade, o fato de que a maioria das funções de acolhimento e proteção são prestadas pelo Estado e pelos serviços públicos, seguindo o princípio da solidariedade, e que a obrigação de hospitalidade tenha sido introduzida no direito, explicam e justificam, para alguns, que o termo seja reservado para a esfera privada em que se encontra exercido de acordo com o esquema de reciprocidade. Desejando não endossar essa fronteira desde o início e buscando discutir a questão da hospitalidade e solidariedade, distinguimos a hospitalidade no sentido próprio, que se refere a práticas privadas para a maioria, baseadas na obrigação de reciprocidade e hospitalidade no sentido figurado que designa práticas suscetíveis de se desenvolver à margem da solidariedade e dos serviços públicos. No primeiro caso, tratam-se de situações e usos reconhecidos como tais, ainda que pouco explorados, sobre os quais o seminário se propõe a atrair atenção ... No segundo caso, trata-se sobretudo de uma perspectiva e abordagem diferente sobre os trabalhos de pesquisa existentes que pretendemos reexaminar.

³ O meio rural também é objeto desta questão pelo menos em razão dos problemas de migrações sazonais, de turismo verde e, hoje, do retorno de pessoas desfavorecidas.

7 Convites, recepções, visitas, trocas: hospitalidade entre iguais

A hospitalidade propriamente dita refere-se prioritariamente à hospitalidade entre iguais. É a de convites, recepções, visitas, trocas, em resumo de mundanidades, que define anfitriões e convidados, individuais ou coletivos, desejados ou indesejados, regulares ou acrescentados, parentes ou migrantes, temporários ou permanentes e opera de acordo com as regras de reciprocidade e gratuidade ou, para usar a problemática maussiana, as da dádiva. Sob o signo da dádiva, a hospitalidade assume um caráter relativamente gentil e pacificador, do qual entretanto nem todos os desafios estão ausentes, tanto para quem oferece - oferecer hospitalidade ou enviar um convite, a palavra não é neutra – como para o visitante, recebido mas mantido em seu lugar e solicitado a devolver o convite. Qual das duas obrigações é mais difícil? Oferecer hospitalidade ou aceitá-la, comprometendo-se a devolver o convite? A hospitalidade entre colegas, pais, amigos ou aliados pode ser totalmente voltada à sociabilidade, ser festiva; ou instrumental, sendo codificada, ritualizada; rotineira ou espontânea, mas não é de forma alguma negócio... É apenas prever dispositivos espaciais especialmente projetados para dar o lugar apropriado ao hóspede que se quer honrar e manter a distância e os delicados cenários que a alternância de convites impõe aos protagonistas, mesmo e talvez ainda mais quando a gente se impõe como regra não se constranger.

Antigamente fortemente ritualizada, como evidenciado pela hospitalidade antiga que exigia primeiro alimentar o visitante e apenas em seguida perguntar seu nome, bem como reservar-lhe o lugar de honra e oferecer-lhe presentes, hoje mais "descontraída", a hospitalidade se realiza através de dádivas, mesmo quando o visitante é considerado um bem para a casa. Dádivas que não devem ser contadas, que não esperam explicitamente um retorno, de acordo com a ficção necessária para a sua eficácia. A justiça segundo a qual "quem deu primeiro também deve também receber" (lembrada na Odisséia) pode ser entendida de duas maneiras: como um lembrete do princípio da reciprocidade, mas também como um lembrete da obrigação de receber...

8 O protagonismo do anfitrião

Quaisquer sejam as virtualidades da hospitalidade – transformação da relação de força em pacto de não agressão; desejo de criar vínculo; maneira de resolver conflitos migratórios ou necessidade exogâmica - hospitalidade é uma relação social assimétrica na qual o anfitrião (o chefe de família) é dominante, apesar dos protestos de humildade e devoção exigidos pelo seu papel. E não é porque o lugar do anfitrião é mais vantajoso que o do hóspede (rei e prisioneiro) que nós temos tendência a considerar a hospitalidade do ponto de vista de anfitrião. Entre as razões que nos levam a colocar a hospitalidade em primeiro lugar do lado do anfitrião e a privilegiar o ponto de vista daquele que recebe, há também o fato de que, como europeus, praticamente paramos de bater à porta dos vizinhos para buscar ajuda e experimentamos mais a imigração do que a emigração. Há também o fato de que em uma sociedade competitiva como a nossa, a atração da dádiva, por mais fraca que seja, supera a propensão a receber.

9 Receber e receber: o desafio da alteridade

Como vimos, receber, no caso da hospitalidade, tem duas significações exatamente opostas que podem ser confundidas num mesmo momento: dar hospitalidade e receber alguém ; dar hospitalidade, mas também deixar vir, ser receptivo a - primeiro passo no exílio, primeiro grau de comprometimento. É para essa outra face de receber que é aconselhável estar atento, o momento crucial do tríptico da dádiva e não uma simples alternância entre dar e receber, onde as contrapartes são equivalentes e a troca acontece sem surpresa.

Colocando em jogo a relação com o outro no encontro e na relação interpessoal, a hospitalidade pode até se tornar um teste iniciático, procurado, como ilustrado pela novela *Pereira prétend* de Tabucchi⁴, que retrata a transformação insidiosa e progressiva de um herói despertado pelo episódio de um encontro: seu comércio decepcionante, insistente, perturbador, dispendioso e até promissor, chegando, com a

⁴ Tradução para o francês de C.Bourgois, 1995

morte daquele que o despertou, a revelá-lo a si mesmo e a conduzi-lo no caminho do compromisso

10 Uma questão de morfologia social

Enquanto despesa, no sentido material e simbólico do termo - alojar outrem e alojar o outro em si – a hospitalidade, relacionada a diferentes formas de mobilidade e deslocamento e com diferentes graus de comprometimento, é consentida em espírito de sociabilidade com a qual entretanto não se confunde. Por meio da hospitalidade, o grupo se expande para fora ou dentro de si, o que levanta uma questão de morfologia social: quais são as expectativas hoje em termos de hospitalidade? O que esperamos dos próximos, dos parentes, do mercado ou do Estado? Essa forma de hospitalidade levanta, ao mesmo tempo, uma questão de morfologia material: de quais reservas (de espaço, tempo e meios diversos) a sociedade dispõe para prover recepções e visitas, trocas e acolhimento, passagens e transições diversas?

11 Asilo, trânsito: hospitalidade mínima garantida

Entre hospitalidade no sentido próprio e hospitalidade no sentido figurado, eu avanço para a hospitalidade mínima garantida, que abrange grosso modo o direito de asilo concedido a estrangeiros e antigamente aos pobres e hoje às categorias asseguráveis ou vulneráveis a quem Estado ou a comunidade fornecem proteção e segurança (*asylia* significa, em princípio, o direito de não ser espoliado). Esta acepção legalizada de hospitalidade, a dos direitos de asilo, do campos de refugiados e outras cidades de passagem, onde a permanência é mais precária do que temporária, é o resultado de negociações e renegociações permanentes nas quais os critérios de triagem, tanto legítimos como arbitrários, refletem a contradição entre o princípio da universalidade e as restrições econômicas. É essencialmente um jogo político.

12 Abertura, acessibilidade, acolhimento dos serviços públicos: a hospitalidade entre iguais

Enquanto relação social entre iguais e não entre pares, a hospitalidade, no sentido figurado, refere-se à questão da abertura de sistemas públicos de recepção que, em virtude da exteriorização de funções anteriormente restritas às esferas religiosa ou doméstica, estão interpostos entre o espaço privado e o público. Creche, escola, escritório de assistência social, hospital, lares de idosos, esses locais de residência, acomodação, esses dispositivos de aculturação, de cuidados dispensados gratuitamente num espírito de redistribuição e solidariedade (mas não reciprocidade), são tanto territórios específicos cujas regras de acesso são a chave para a vida moderna e a integração na cidade. A questão colocada aqui, além da construção social das necessidades (nos serviços) e da extensão do serviço público - o que a sociedade oferece aos seus concidadãos ao deixarem suas casas - é menos a dos critérios de admissão e graus de abertura à entrada (quem e como pode acessá-los?) e à saída (quem e como sair?), as condições de admissão, residência, residência e saída, decisivas para a passagem do titular, seu grau de autonomia ou de restrição, como o do recurso às relações interpessoais dentro ou à margem dos procedimentos predefinidos, por além dos guichês, porta de entrada para todos os serviços sociais.

Relações entre funcionários e prestadores de serviços, servidores e serviços, recebimento/inadmissibilidade de solicitações são questões não dissociáveis das questões fronteiriças relativas às áreas de contato entre o público e o público e seu ambiente, organização da própria recepção e da recepção do público: horário de funcionamento, modos de apresentação de si mesmo (anônimos ou personalizados ...), espaços *ad hoc* (recepções, salas de espera ...). Hospitalidade, acolhimento, a lógica não é equivalente: a hospitalidade é redutível à civilidade extra que hoje inclui a recepção profissionalizada de uma relação de serviço?

Perguntar até que ponto as regras do serviço público - neutralidade, anonimato, regulamentação por terceiros - podem funcionar sem um mínimo de relações interpessoais e hospitalidade, é retornar a afirmação de René Schérer de que "tudo o que a palavra hospitalidade tem de conotação afetiva é universalmente válida apenas

através de sua transformação em lei. Uma conservação e promoção que também é, no entanto, uma espécie de negação e supressão ... " (1993, p.95).

13 Teste: reabertura de códigos, limites, conquistas

A hospitalidade também é um teste, metaforicamente falando, no sentido de que, baseada na relação com o diferente, desafia os códigos, os limites pelos quais o grupo se define e se identifica, as realizações pelas quais organiza sua solidariedade, mas que doravante deixa muito a desejar. Do mesmo modo que a igualdade distila constantemente novas desigualdades, a solidariedade, forma de hospitalidade organizada, produz constantemente nas suas margens novos "estrangeiros", sem direito a A hospitalidade pode ser considerada uma forma limite da solidariedade. Porque, diferentemente desta, baseada sobre o similar e, na maioria dos casos, limitada a um grupo definido por critérios mais ou menos rigorosos, a hospitalidade, baseada na noção de alteridade, negocia com o desacordo e pressupõe limites que se pretende precisamente ultrapassar.

Da mesma forma, na periferia do círculo e dos hábitos familiares, surgem novos estranhos que levantam a questão da hospitalidade novamente. A família, como o Estado, tende a reduzir as aberturas que, entretanto, devem reabrir periodicamente, pela força, pela infração das regras, à margem das instituições, ou desviando delas. Enquanto a « inospitalidade » das instituições designaria (no sentido metafórico) por baixo as defasagens entre os critérios anunciados e as práticas reais de admissão, a "hospitalidade" das instituições buscaria, ao contrário, à revisão para cima desses mesmos critérios, a interpretação extensiva (e não restritiva) da regra ...

A hospitalidade, nesse sentido, não é um estado, mas um processo permanente de reabertura e resgate à cada vez que os requerentes legítimos chegam ao limite, ou que uma limitação do direito de asilo estoura sob a pressão de novos recém-chegados. Em geral, sempre que a regra burocrática deixa de levar em conta a complexidade do real, a heterogeneidade das situações sociais, mas também a quantidade de solicitações fazem com que recomendações, salvo-condutos, passem a corrigir (mas também a subverter) critérios de seleção restritivos demais e a reintroduzir a pluralidade na

redistribuição dos benefícios. Essa forma de hospitalidade geralmente define, no mais das vezes, à primeira vista pelo menos, hóspedes ou clandestinos.

14 Na entrada e na saída

Reabertura na entrada e saída. A hospitalidade não é apenas o que permite chegar, introduzir-se, ficar, mas também sair, voltar. Ela autoriza a passagem, ou, o que dá no mesmo, a diferença. Questionar os serviços públicos do ponto de vista da hospitalidade é reconsiderar tanto os modos de acesso, como os mecanismos de retenção, o grau de abertura como os processos de sedimentação ou cronicização.

15 Concluindo

Hospitalidade privada, associativa, estatal, os rumos da pesquisa são numerosos, mas o objetivo permanece o mesmo: diante da reputação de inospitalidade feita explícita ou implicitamente à cidade e a sociedade contemporâneas, é importante saber o que são concretamente as situações em que ocorrem chegada, passagem, transição, identificação de bloqueios e elementos facilitadores, para poder acompanhar as práticas que estão surgindo.

Para não abusar hospitalidade de vocês, convido-os sem hesitação a escutar René Schérer, que falará de hospitalidade e cosmopolitismo, e Jean-Pierre Gaudin, que questionará a hospitalidade republicana através das suas políticas de integração e aculturação.

Referências

- BASLEZ, M.F., *L'Etranger dans la Grèce Antique*, Paris, Les Belles Lettres, 1984, pp.18-19.
- BENVENISTE, E. *Le vocabulaire des institutions indo-européennes*, Paris, Ed. de Minuit, 1969, p.94.
- DEL VECCHIO, G. *L'evoluzione dell'ospitalita*, *Revista italiana di sociol.*, Anno VI, fasc.2-3
- DURKHEIM, E., "Origines du droit international privé", in : *Textes*, Paris, Ed. de Minuit, tome 3, p.234, 1903

SHERER, René. 1 Zeus hospitalier. Eloge de l'hospitalité, Paris, A.Colin, 1993

Artigo recebido em: 20/10/2019

Avaliado em: 03/11/2019

Aprovado em: 09/11/2019